

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**  
**Instituto de Ciências Humanas**  
**Departamento de Museologia, Conservação e Restauro**  
**Curso Bacharelado em Museologia**



Trabalho de Conclusão de Curso

**A poesia por trás do objeto**  
a trajetória de um sabre

**Samila de Farias Jacob**

Pelotas, 2021.

**Samila de Farias Jacob**

**A poesia por trás do objeto**  
a trajetória de um sabre

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado em Museologia do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Museologia.

Orientador: Prof.Dr. Diego Lemos Ribeiro

Coorientador: Prof.Dr. Jaime Mujica Sallés

Pelotas, 2021.

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas  
Catalogação na Publicação

J15p Jacob, Samila de Farias

A poesia por trás do objeto : a trajetória de um sabre /  
Samila de Farias Jacob ; Diego Ribeiro Lemos, orientador ;  
Jaime Mujica Salles, coorientador. — Pelotas, 2021.

55 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em  
Museologia) — Instituto de Ciências Humanas, Universidade  
Federal de Pelotas, 2021.

1. Documento. 2. Objeto museal. 3. Biografia dos objetos.  
4. Sabre. 5. Laboratório. I. Lemos, Diego Ribeiro, orient. II.  
Salles, Jaime Mujica, coorient. III. Título.

CDD : 069

Samila de Farias Jacob

**A poesia por trás do objeto**

a trajetória de um sabre.

Data da defesa:

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Diego Lemos Ribeiro

Prof. Nóris Mara Pacheco Martins Leal

Dedico este trabalho primeiramente aos meus pais, por serem meus maiores incentivadores; também ao meu irmão, Jonathan, o qual sempre me incentivou e que mesmo não estando mais aqui, estará sempre presente em meu coração. Dedico igualmente aos meus familiares, pois sempre me apoiaram. Por fim, aos meus afilhados, Mariana e Bernardo, os quais me inspiram.

## **Agradecimentos**

Primeiramente, gostaria de agradecer aos meus pais que sempre me incentivaram e me motivaram a fazer as coisas que eu queria. Outrossim, por se mostrarem extremamente presentes e pacientes em todo esse processo acadêmico, vocês são parte disso aqui. Afinal, sem o apoio de ambos eu não teria chegado tão longe.

Um agradecimento mais do que especial ao meu orientador Diego Ribeiro Lemos e ao meu coorientador Jaime Mujica Sallés, os quais sempre foram muito pacientes e compreensíveis nesse processo e que sempre me apoiaram e me escutaram em todos os momentos na universidade.

Um agradecimento muito especial à dona Lizete, detentora do objeto de estudo, por ter sido sempre muito atenciosa comigo e disposta a ir atrás de novas informações que me ajudassem a construir esse trabalho.

Um agradecimento em especial a toda minha família, primas, dindas e tias que me apoiaram e me escutaram em momentos que eu estava nervosa com a escrita do trabalho e sempre estiveram presentes em todos momentos da minha vida.

Um agradecimento às minhas cachorrinhas, Mel e Maya. Embora sejam animais, sempre foram minhas companheiras de longas madrugadas de escrita e que me alegravam com suas brincadeiras em momentos de nervosismo.

Um agradecimento aos meus amigos que sempre estiveram ao meu lado me apoiando. Em especial a Mariana Brauner Lobato, a qual foi uma amiga incrível e esteve sempre me ajudando nas entrevistas, pesquisas e também na escrita. Além, é claro, de me dar apoio moral, emocional e sempre me motivando positivamente.

Um agradecimento a toda UFPEL, a todos os meus professores e outros funcionários da instituição que me ajudaram a me transformar na pessoa que eu sou hoje, além de sempre me apoiarem e escutarem sobre os assuntos que iam além dos muros da instituição.

*Não importa o ano, circunstâncias, ou lutas todos os dias em que se está vivo é uma bênção. Aproveite o máximo o dia de hoje e todos os dias que lhe são dados. O amanhã não está prometido. (Naya Rivera).*

*“Grandes coisas são feitas por uma série de pequenas coisas reunidas”. (Vincent Van Gogh).*

## Resumo

JACOB, Samila de Farias. **A poesia por trás do objeto Exposto:** a trajetória de um sabre. 2021. Monografia (Graduação) – Curso de Bacharelado em Museologia, Universidade Federal de Pelotas, RS.

O presente trabalho apresenta como tema a vida social dos objetos, tendo como objetivo investigar, de uma perspectiva museológica, a transformação de um objeto em documento. O objeto biografado é um sabre, localizado durante a minha pesquisa no Laboratório Multidisciplinar de Investigação Arqueológica (LÂMINA). A metodologia utilizada no presente trabalho faz referência a biografia social dos objetos, com suporte de pesquisas bibliográficas cujo enfoque é um cenário que vai muito além da sua forma física. Através de entrevistas com especialistas e com a proprietária do objeto foi possível obter informações históricas mais precisas do objeto estudado, determinando época e fabricante do mesmo.

**Palavras-Chaves:** Documento; Objeto Museal; Biografia dos Objetos; Sabre; Lâmina.



## **Abstract**

JACOB, Samila de Farias. **The poetry behind the exposed object:** the trajectory of a sabre. 2021. Monograph (University graduate) – Bachelor of Museology Course, Federal University of Pelotas, RS.

The present paper presents as its theme the social life of objects, aiming to investigate, from a museological perspective, the transformation of an object into a document. The biographical object is a Sabre, located during my research at the Multidisciplinary Laboratory of Archaeological Research (L MINA). The methodology used in the present work refers to the social biography of objects, supported by bibliographic research whose focus is a scenario that goes far beyond its physical form. Through interviews with specialists and with the owner of the object it was possible to obtain more precise historical information of the studied object, determining its period and manufacturer.

**Key Words:** Document; Museum object; Biography of Objects; Sabre; Blade.

## Lista de Figuras

Figura 1 Desenho esquemático do sabre.....	37
Figura 2 Detalhe dos componentes de uma empunhadura.....	37
Figura 3 Detalhes da guarda-mão simples empregados nos séculos XVIII e XIX.....	38
Figura 4 Elementos constitutivos do sabre.....	39
Figura 5 Fotografia da lâmina.....	40
Figura 6 Marca feita no sabre.....	41
Figura 7 Marca da empresa.....	41
Figura 8 Destaque do logo feito pela autora.....	41
Figura 9 Foto do logo da importadora.....	41
Figura 10 Folhas entalhadas na lâmina.....	42
Figura 11 Brasão da Republica Federativa do Brazil.....	42
Figura 12 Guarda-mão com brasão.....	43
Figura 13 Punho do sabre.....	43
Figura 14 Punho do sabre com pele de tubarão.....	43
Figura 15 Bainha da espada com as argolas de suspensão.....	44
Figura 16 Ponteira da bainha.....	44
Figura 17 Empunhadura do sabre.....	47
Figura 18 Ponteira da lâmina.....	48
Figura 19 Parte central da lâmina.....	48
Figura 20 Limpeza da lâmina com esponja.....	49
Figura 21 Limpeza da lâmina com algodão.....	49
Figura 22 Limpeza da lâmina com escova.....	49
Figura 23 Lâmina pós-tratamento.....	50

## **Lista de Quadros**

Quadro 1	Categorias de informação dos objetos.....	19
Quadro 2	As três áreas de conhecimento.....	22

### **Lista de abreviaturas e siglas**

ICOM	International Council of Museums (Conselho Internacional de Museus)
IBRAM	Instituto Brasileiro de Museus
UFPeI	Universidade Federal de Pelotas
WKC	Weyersberg, Kirschbaum & Cie

## SUMÁRIO

<b>Introdução.....</b>	<b>13</b>
1. Objeto como documento.....	16
1.1. O sentido do objeto.....	17
1.2. Documento.....	21
1.2.1. Objeto/documento.....	26
<b>2. A poesia por trás do objeto.....</b>	<b>30</b>
2.1. A biografia social do objeto.....	30
2.2. Trajetória e identificação do objeto.....	33
2.2.1. Características gerais do sabre.....	33
2.2.2. Características do sabre estudado.....	33
2.2.3. Fase privada.....	43
2.2.4. Fase laboratorial: Processos de conservação preventiva.....	44
<b>Considerações Finais.....</b>	<b>49</b>
<b>Referências Bibliográficas.....</b>	<b>50</b>

## 1. Introdução

O presente trabalho objetiva compreender a biografia de um objeto, assim como desvendar a sua trajetória partindo não de um olhar comum, mas sim de um olhar museológico. Este que nos possibilita analisar o artefato a partir da sua carga histórica, da sua própria poesia e também como um suporte físico de informações. O objeto em questão é um sabre, datado do início do século XX, o qual está disposto no Laboratório Multidisciplinar de Investigação Arqueológica (LÂMINA), vinculado à Universidade Federal de Pelotas, localizado na cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul.

A pesquisa tem como foco principal investigar o processo de transformação de um objeto em documento, de modo a entendê-lo em sua dinâmica cultural e toda a vasta rede de conexões criadas ao longo de sua trajetória, desde a aquisição, uso, desuso, até sua chegada ao referido laboratório. Do ponto de vista teórico-metodológico, seguimos a ideia de Kopytoff, o qual sugere usar as mesmas técnicas usadas pela antropologia para projetar histórias de indivíduos. Propondo as seguintes perguntas.

De onde vem a coisa e quem fabricou? Qual foi sua carreira até aqui, e qual é a carreira que as pessoas consideram ideal para esse tipo de coisa? Quais são as idades ou fases da vida reconhecidas de uma coisa, e quais são os mercados culturais para ela? Como mudam os usos da coisa conforme ela fica mais velha, e o que lhe acontece quando a sua utilidade chega ao fim? (KOPYTOFF, 2008, p.91).

O objeto em questão foi apresentado a autora em 2019, quando a mesma estava fazendo uma disciplina que era realizada no -Lâmina, despertando assim a curiosidade para conhecê-lo e saber mais sobre sua trajetória até então, o objeto de estudo não possuía informações concretas, confirmadas e organizadas, sendo desconhecido inclusive pela possuidora do artefato.

Partindo do princípio de que o objeto passou por várias etapas, testemunhando diversos acontecimentos e passando por mais de uma geração, surgiu a necessidade de conhecê-lo através da história, dos seus detalhes e da sua construção. Posto isso, buscamos com essa pesquisa responder aos questionamentos:

a) De que forma um objeto se transforma em documento quando entra em uma instituição?

b) Por quais processos esse objeto passa para que seja visto como documento?

Neste trabalho pretendo expor os desdobramentos desse processo de musealização, conhecendo o objeto material, sua “carreira de vida” sem esquecer de investigar seus marcadores culturais anteriores à sua chegada na instituição. Destacamos principalmente qual o itinerário que o objeto percorreu do seu uso utilitário até o uso patrimonial/documental. A partir da perspectiva de Alberti, os objetos estão sempre em trânsito de sentidos, valores e lugares. Nesta pesquisa, nos dedicaremos justamente a investigar esses processos e deslocamentos, com vistas a compreender como estes ganham e perdem sentido, Samuel Alberti (2005) complementa que o objeto ao ser:

[...] Retirado da esfera mercantil e singularizado pelo museu, o objeto se insere em uma nova dinâmica, sendo possível e proveitoso traçar sua biografia desde a aquisição até o arranjo para a exposição, através de diferentes contextos e das muitas mudanças de valor decorrentes desses movimentos. Tal abordagem jogaria luz sobre relações imperceptíveis de outro modo entre pessoas e pessoas, entre objetos e objetos e entre objetos e pessoas (ALBERTI, 2005, p.560).

O método exposto por Alberti (2005), será um dos pontos base dessa pesquisa, principalmente no que tange ao itinerário da peça. Nas palavras do autor, enquanto o objeto estiver percorrendo o itinerário elucidado anteriormente, a musealização não poderá ser entendida como um ponto de partida ou de chegada, mas sim como um momento integrante na vida da peça. Tendo em vista que este percurso a vida é entrecruzado com "coletores, curadores e cientistas, mas também visitantes e audiências" (ALBERTI, 2005, p. 561). O autor também menciona que a peça, durante seu ciclo de vida dentro da instituição, “pode passar por vários trânsitos e mudanças de sentido em seu ciclo como artefato de museu (aquisição, documentação, preservação, pesquisa, divulgação)” (ALBERTI, 2005, p.562 ).

Através da investigação histórica realizada sobre o objeto em estudo, pudemos percorrer sua trajetória até sua chegada à instituição, lembremos que neste período de sua estadia no laboratório foram feitas as pesquisas em questão para a construção deste trabalho.

Os instrumentos de pesquisa utilizados neste trabalho tinham como objetivo desvendar a história do objeto, abrangendo também uma análise de documentos e bibliografias que se relacionam com a temática. Foram realizadas

entrevistas com um especialista em armas brancas, com a proprietária do objeto, e com o profissional do laboratório que fez as intervenções de conservação. As entrevistas foram desenvolvidas de maneira remota por web-conferências ou envio de questões, tendo em vista as possibilidades do momento de crise sanitária devido à disseminação da COVID-19, todos os estabelecimentos foram fechados com o objetivo de promover o isolamento social como prática de mitigação da contaminação. Em ambos os métodos foi destacado a abertura para se tratar de mais temas ou detalhes que não estivessem dentro das perguntas estipuladas. Para além de uma revisão bibliográfica, foram feitas pesquisas sobre o sabre em sites relacionados às armas brancas foi encontrado referências dos fabricantes. Foi feita uma pesquisa, na qual pude encontrar a fábrica (WKC) em um website. Logo, foram encaminhados alguns e-mails contendo fotos com o intuito de promover um contato e troca de informações. Porém, infelizmente, devido ao site estar na Alemanha e utilizar recursos de proteção, as fotos encaminhadas não puderam ser vistas.

Desta maneira, o trabalho foi dividido em dois capítulos. —O primeiro capítulo, foi subdividido em três subcapítulos para focarmos em cada processo, sendo eles: O sentido do objeto: Objeto Musealizado, Documento e Objeto/Documento. No subcapítulo O sentido do objeto: Objeto Musealizado, buscou-se elucidar a trajetória do artefato em um objeto musealizado; discorrendo sobre a sua transformação em um narrador de histórias do passado. Isto ocorre principalmente quando o artefato chega ao museu e passa a desempenhar o papel de testemunho. Também buscou-se apresentar e discutir o papel dos documentos e se podem ser entendidos como realidade bruta ou não sobre uma determinada história que não encontrou espaço para ser contada antes. Ademais, objetivamos elucidar o termo musealização e como ocorre o seu desenvolvimento em um laboratório de conservação e restauração. Por fim, analisamos as categorias de informação do objeto com o intuito de aclarar o procedimento necessário para que o objeto seja observado como um documento.

No subcapítulo Documento, buscou-se apresentar a definição do termo documento; entrelaçando a definição com o seu espaço no museu e de que modo a Museologia compreende o documento. Também buscou-se apresentar o documento como um importante suporte de informações que suscita a noção



de memória, ou seja, como um possível "educador" sobre o passado. Na sequência, discorreremos acerca das unidades conceituais e desdobramentos conforme o pensamento de Chagas (1994). Finalmente, nos apoiamos na análise de Meyriat (1951) acerca da explicação do documento através de duas noções indivisíveis.

No subcapítulo Objeto/Documento, propõe-se uma reflexão sobre a concepção do objeto/documento conforme os estudos da Museologia; alinhando todas as elucidações realizadas nos subcapítulos anteriores para ser possível demonstrar o procedimento que o objeto comum passa até ocupar um local no museu. Para tanto, utilizamos as reflexões propostas por Briet (1951) acerca do olhar investigativo sobre o objeto; ressaltando a importância de inseri-lo em contextos comunicativos tais como exposições e/ou ações educativas. Por fim, discorreremos sobre a necessidade de realizar a investigação sobre a biografia social em torno do objeto, isto será o foco do próximo capítulo.

Evidenciamos que para abordar os recortes de cada subcapítulo acima, nos apropriamos de conceitos propostos por Loureiro, Guarnieri e Mário Chagas. Tendo em vista suas contribuições relevantes e altamente difundidas nos estudos em museologia e sociedade. O capítulo dois foi subdividido em um subcapítulo, uma subseção e quatro itens para analisarmos cada processo, sendo eles: A biografia social do objeto, Trajetória e identificação do objeto, Características gerais do sabre, Características gerais do sabre estudado, Fase privada, Fase laboratorial: processos da conservação preventiva. No subcapítulo A biografia social do objeto buscou-se traçar o momento em que são feitos os questionamentos sobre a biografia dos objetos, elencando as suas etapas que estão diretamente ligadas a interpretação e visibilidade no museu, evidenciando as possíveis maneiras do objeto possuir uma vida social, demonstrando também de que forma o objeto pode ser usado como testemunho de algo. Na subseção Trajetória e identificação do objeto buscou-se apresentar a identificação do sabre e suas principais características, também traçar a trajetória do objeto de estudo e mostrar seus atributos extrínsecos e intrínsecos. No item Características gerais do sabre foi buscou-se dar uma breve explicação sobre o que é um sabre em geral e quais são suas principais partes, elucidando também qual sua função. No item Descrição do sabre estudado foi apresentado a caracterização dos materiais constituintes e das dimensões do sabre, buscando também que o

fabricou. No item Vida privada buscou-se elucidar sua trajetória desde enquanto ainda era usado pelo seu antigo possuidor, até o momento em que virou um objeto decorativo e que chegou no laboratório. No item Fase laboratorial: Processos de conservação buscou-se explicar todos os processos de conservação curativa pela qual o objeto passou, mostrando assim também os resultados desse processo.

## 1. O objeto como documento

Neste capítulo abordaremos brevemente a transformação do objeto em documento. A título de uma melhor sistematização, separamos cada processo em dois subcapítulos, sendo eles: O sentido do objeto: Objeto musealizado, Documento. Para este último, foi necessário criar uma subseção terciária para que abrangesse o sentido de Objeto/documento.

Os objetos, segundo Meneses (1980), podem ser entendidos como um resultado da ação do ser humano sobre a sua própria realidade. Pois, ainda segundo o autor, ao longo do tempo os artefatos sofrem alterações pelas ações dos indivíduos e podem ser apropriadas culturalmente. Deste modo, compreendemos que é somente por meio de um conjunto de operações que os objetos podem ser chamados de documentos. É importante ressaltar que isto só ocorre quando a peça é observada e operada para fins documentais, ou seja, como mediadores de informação.

Nas palavras de Meneses (1980), alguns objetos só se transformarão quando estiverem em um novo sistema. Para que isto ocorra, é preciso que haja uma nova perspectiva, preferencialmente que seja de um observador externo. Dessa forma, o objeto passa a desempenhar um sentido documental; não mais ocupa o papel de um objeto decorativo comum, mas sim o de informador (MENESES, 1980). Na opinião do pesquisador, o documento possui uma relação intrínseca com os indivíduos, visto que estes são os vetores das ações que àquele sofre.

Em síntese, podemos compreender que todo objeto sempre será um possuidor de informações sobre as relações entre seres humanos; servindo como uma espécie de resíduo físico das relações sociais entre indivíduos. Porém, para que possamos capturar tais informações, é necessário partir de um olhar interrogativo/curioso a respeito da sua história. Sendo assim, é relevante salientarmos que priorizamos a busca sobre a historicidade do objeto de estudo no momento da sua coleta.

Para Pomian (1984), é através das funções visuais que os objetos podem exercer sua função de comunicação, sendo ela visível e/ou invisível. Pois, de acordo com o autor, os objetos transmutados em documentos podem ser chamados de “semióforos”, sendo entendidos como “portadores de sentido” por

serem dotados de significação e representarem o invisível. No próximo subcapítulo, trabalharemos o momento em que o objeto transmuta para documento e como ocorre esse processo.

### **1.1 O sentido do objeto: Objeto Musealizado**

Neste subcapítulo, apresentaremos o momento em que os objetos passam a serem vistos como suportes de informação. Isto é, a sua transformação em documento.

Os objetos são usados desde os primórdios da antiguidade como vias de narração do passado. Sobretudo quando enquadrados na categoria de documento, os objetos tem a potencialidade de se transformar em um interlocutor da cultura em que está imerso, do mesmo modo que, por meio deste, pode ser um elemento para a compreensão da cultura de outros povos. De acordo com Baudrillard (2009), o objeto se transformaria em “mitológico” em um sentido análogo ao conceito de documento, quanto a sua existência se resume ao que significa, não sendo, deste modo, nem funcional e nem decorativo. Sendo assim, no sentido que o autor traz, podemos falar que os objetos têm relação direta com o tempo, ou temporalidades.

Os objetos, em relação ao museu, guardam algumas especificidades que merecem análise. No momento em que o artefato é incorporado à uma instituição de memória, é adquirido um novo status e, dessa forma, é transformado em um testemunho de um determinado acontecimento. Isto ocorre, pois ao ser retirado de seu uso original, o objeto passa a representar uma determinada realidade antes invisível. Deste modo, inicia-se o processo documental à medida em que os objetos são selecionados e investidos de novos sentidos e significados, principalmente, no escopo de uma determinada narrativa museal.

Na visão de Guarnieri (1990), os objetos guardam referências de uma realidade que está fora do sujeito, pois estes fazem sentido em uma relação específica entre sujeito, objeto e cenário. E são os sujeitos, dentro de um tempo e espaço culturalmente condicionados, que produzem, modificam, descartam e atribuem valor aos objetos. Ao serem incorporados nos museus, e ao serem interrogados, os sentidos dos objetos desvelam-se e, concomitantemente, objetos se transformam em documentos. Em termos simples, pode-se dizer que

o objeto como documento pode ser visto como mediador de informações, por meio de alguns conceitos como: Documentalidade, testemunhalidade e fidelidade. A documentalidade sugere que o documento tem como propósito informar e ensinar; a testemunhalidade atesta algo, ou seja, testemunha-se uma realidade no presente; a fidelidade comprava a autenticidade do documento. Portanto, nas palavras de Chagas

As coisas assim selecionadas, reunidas e expostas ao olhar (no sentido metafórico do termo) adquiririam novos significados e funções, anteriormente não previstos. Essa inflexão é uma das características marcantes do denominado de musealização que, *grosso modo*, é dispositivo de caráter seletivo e político, impregnado de subjetividades, vinculado a uma intencionalidade representacional e a um jogo de atribuição de valores sócio-culturais. (CHAGAS, 2009, p. 22).

Nesse aspecto, destaca-se que os documentos não são a realidade bruta, mas uma essencial representação, algo que apresenta uma realidade ausente. Exatamente por isso, afirma-se que o objeto quando chega ao museu perde sua função original e passa a ter outros valores e significados agregados em um novo contexto, dentro de uma perspectiva narrativa museal.

Para Loureiro (2013) a musealização é algo bem mais complexo que o simples “transporte” para dentro do museu, visto que a ação de deslocamento pelo qual o objeto passa, saindo do seu contexto primário e indo para um contexto secundário, o museu. Ademais, o objeto passa a ser investigado como documento, perdendo sua função utilitária e passando a ser testemunho de uma realidade ao qual estava inserido. Por outros termos, o objeto como documento passa a compor um “meio artificial”, que seria o próprio museu. O processo de pesquisa acerca do objeto assim trazendo a sua história junto a sua recuperação material, atravessa um processo complexo, que abarca atividades que vão desde a coleta, seleção, classificação, documentação e comunicação. Há, portanto, a intencionalidade de transformar o objeto em documento, na medida em que este muda de status e passa a ser investigado e operado como tal. Conseqüentemente, o objeto quando inserido em uma instituição de memória adquire a função de documento, tornando-se um objeto/documento.

Do ponto de vista de Mensch, Pouw e Schouten (1990), há uma série de questionamentos que podem ser feitos aos objetos, a partir das seguintes categorias: sintaxe, semântica e pragmática. São questionamentos que

redundam em orientar as ações de preservação, pesquisa e comunicação das quais determinam qual o papel da documentação dentro dos museus:

**QUADRO 1: Categorias de informação do objeto:**

<b>Categorias de informação do objeto</b>	
<p style="text-align: center;"><b>Síntaxe</b></p> <p>(Descrição física: informações que podem ser lidas diretamente do objeto)</p>	<ol style="list-style-type: none"><li>1) Composição, material;</li><li>2) Construção, técnica;</li><li>3) Morfologia, subdividida em:<ul style="list-style-type: none"><li>● Forma espacial</li><li>● Estrutura da superfície;</li><li>● Cor;</li><li>● Padrões de cor, imagens;</li><li>● Texto (se existente).</li></ul></li></ol>
<p style="text-align: center;"><b>Semântica</b></p> <p>(interpretação, significados)</p>	<ol style="list-style-type: none"><li>1) Significado principal:<ol style="list-style-type: none"><li>a) Significado funcional;</li><li>b) Significado expressivo (valor emocional).</li></ol></li><li>2) Significado secundário:<ol style="list-style-type: none"><li>a) Significado simbólico;</li><li>b) Significado metafísico.</li></ol></li></ol>
<p style="text-align: center;"><b>Pragmática</b></p> <p>(história da vida do objeto)</p>	<ol style="list-style-type: none"><li>1) A gênese;</li><li>2) O uso:<ol style="list-style-type: none"><li>a) Uso inicial;</li><li>b) Reutilização.</li></ol></li></ol>

	<ul style="list-style-type: none"><li>3) A “marca do tempo”:<ul style="list-style-type: none"><li>a) Fatores endógenos;</li><li>b) Fatores exógenos.</li></ul></li> <li>4) A conservação, restauração.</li></ul>
--	--

Fonte: Mensch, Pouw & Schouten (1990)

Deste modo, a capacidade de um objeto ser observado como documento depende de um conjunto de perguntas que extrapolam o objeto em si; a sua materialidade. São informações que atravessam informações materiais, técnicas, usos, funções, alterações, associadas a valores estéticos, históricos, simbólicos e científicos; todas elas essenciais à explicação do lugar e da importância do objeto como testemunho de algo, ou seja, como documento. No entendimento dos autores, os objetos são documentos devido à sua função de servir como mananciais de informações que podem ser lidas no próprio artefato ou através de uma análise de suas propriedades físicas. Todavia, para cumprir integralmente sua função documental, é necessário que o pesquisador lance mão de fontes externas, para além das suas informações intrínsecas.

Todos esses registros são de fundamental relevância para a vitalidade do objeto dentro da instituição e, de outro modo, preserva-se apenas a matéria, deixando-se de lado o campo de sentidos, que é necessariamente invisível. Sem esses registros, os objetos podem se tornar inacessíveis para as futuras gerações. Como é o caso do sabre, objeto do presente estudo, que além do sentido original, há uma série de outras informações que precisam ser investigadas para que seja interpretado como objeto-documento.

## 1.2. Documento

Segundo o dicionário Aurélio, documento tem como definição qualquer base de conhecimento, fixada materialmente e disposta de maneira que se possa utilizar para consulta, estudo, prova, etc.

De acordo com as ideias de Loreiro & Loreiro (2013), a palavra documento vem do latim *docere* a qual está ligada diretamente ao testemunho escrito. O documento pode ser determinado como um objeto que serve como suporte de informação durável, existem dois tipos de fundamentos o primeiro é de natureza material (quando o objeto serve de suporte), e a outra conceitual (quando o conteúdo da comunicação) esses dois tipos de fundamentos são inseparáveis um do outro e sua junção é essencial para essa definição. A definição é válida para todo o tipo de objeto, o que faz com que ela seja muito ampla no entanto ela está limitada a uma restrição quando se usa a palavra informação, ela se trata no sentido neutro e formal ela trata-se de uma informação que tem um sentido, tanto para aquele que a emite quanto para aquele que a recebe, os documentos que são escritos são de certa forma privilegiados pois a escrita e a forma mais frequente que é utilizada para comunicar algo” (LOREIRO & LOREIRO, 2013, p.2).

No campo dos museus, os objetos compreendidos como documentos assumem importante protagonismo. Em termos gerais, os museus existem em função de suas coleções. Do ponto de vista da museologia, tendo como referência o seu objeto de estudo, o fato museal, pode-se afirmar que o estudo da museologia se sustenta na relação específica entre o homem/sujeito e o objeto/bem cultural, em um espaço/cenário que se chama museu. De acordo com Chagas, “No âmbito da museologia este trinômio foi identificado e denominado de ternário matriarcal” (CHAGAS, 1990). Segundo o autor, nas três áreas de conhecimento Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia é possível estabelecer o seguinte quadro:



<b>Unidade Conceitual</b>	<b>Desdobramentos</b>
1° homem/sujeito	Usuário, consulente, participante, público, comunidade.
2° documento/bem cultural	Objeto, livros, papéis, coleção, patrimônio cultural e natural.
3° espaço/relação	Edifício, sala de consulta, sala de leitura, lugar qualquer, espaço de representação, território.

Quadro 2: Fonte: Chagas (1994).

Ainda seguindo o pensamento de Chagas (1990) a relação entre o sujeito e documento é o ponto principal das três áreas que foram citadas acima, ou seja, só poderemos ver e pensar no documento como suporte de informações a partir do momento em que lançarmos questionamentos a ele, buscando compreender através de suas informações extraídas qual relação está sendo estabelecida com o sujeito.

A ideia de documento também nos remonta à noção de memória. Esta é primordial para que vejamos o documento como aquilo que ensina ou como um suporte de informação. Pois, se ignorarmos as memórias também estamos desconsiderando todo ensinamento. Afinal, é justamente na história de um objeto/documento que podemos investigar as informações. É possível pensarmos no conceito de memória de forma mais ampla, Chagas (1994) propõe que vejamos os documentos não só como nucléolos de energia em um oceano de memória, como também ilhas de sentido. Para o pesquisador, o patrimônio cultural pode ser associado ao arquipélago por causa de sua constante transformação. Portanto, a memória é extremamente importante para que possamos não só obter informações, como mantê-las. Somente assim podemos traçar a história de algo ou de alguém. Chagas entende que o documento pode ocupar o espaço de educador, pois:

Por um lado, o documento é compreendido como “aquilo que ensina” (docere) ou mais precisamente aquilo que pode ser utilizado para

ensinar alguém. O ensinamento como se sabe, não emana e não está embutido no documento. Ele está, brota e surge a partir da relação que com o documento/testemunho se pode manter. Por outro lado, o documento é compreendido como “suporte de informações” que só podem ser preservados e resgatados através do questionamento. (CHAGAS, 1994, p. 34).

É por meio da comunicação: homem-bem cultural preservado, que a condição de documento emerge, a comunicação confere sentido ao documento, a pesquisa, compreendida como produção de conhecimento pode PARTIR do documento, mas pode também CHEGAR a definir novos documentos, a pesquisa é a garantia da possibilidade de uma visão crítica sobre a área da documentação, envolvendo a relação homem-documento-espaco, o patrimônio cultural, a memória, a preservação e a comunicação. (CHAGAS, 1994, p.39).

O documento é peça chave nas áreas de Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia, e a ligação entre elas se dá pelos processos de identificação, descrição e comunicação dos seus conteúdos informacionais dos mesmos. Visto que

“O documento é objeto informacional visível ou palpável, cuja razão de ser é a informação. Ele permite a fixação de uma mensagem, cuja ativação conduz à produção de informação nova” (ESCARPI,1976).

Joahanna Wilhelmina Smit cita em seu artigo *A documentação e suas diversas abordagens (2008)*, que é possível identificar duas linhas de pensamento para que seja feita a compreensão do que é documento, e traz em seu texto importantes pensadores que abordam como o documento é entendido, citando, por exemplo, Jesse Shera e Louis Shores. Nas palavras de Smit, “Shera em 1972 estabeleceu o documento em registro gráfico, primeiramente por meio de texto mas com possibilidade de englobar documentos audiovisuais” (Smit, 2008, p 11).

Paul Otlet, há quarenta anos, considerado o pai da documentação, seguia uma linha bem diferente e mais abrangente. Otlet (1934), diferentemente de seus colegas, tinha uma visão sobre documentação que estava menos ligada à materialidade e mais à sua função. Dessa maneira, Buckland cita em 1997 uma definição de 1937 que:

No início do século XX a função de documento era corretamente relacionada à expressão do conhecimento humano, o que tornava o documento uma fonte de conhecimento fixado materialmente, suscetível de ser usado para referência ou estudo ou ainda como um argumento de autoridade. (SEM AUTORIA, 1937, p.3).

A contribuição de Otlet para o alargamento do conceito de documento é muito importante, pois foi através de suas pesquisas que o conceito de objeto se tornou relevante como evidência e fonte de informação.

Tálamo e Smit (2008) salientam que no livro *Traité de Documentation*, de Paul Otlet (1934), são estabelecidos oito princípios da documentação, sendo eles:

- a) Universais quanto ao seu objeto;
- b) Confiáveis e verdadeiras;
- c) Completas;
- d) Rápidas;
- e) Atualizadas;
- f) Fáceis de obter;
- g) Anteriormente reunidas e prontas para serem comunicadas;
- h) Colocadas à disposição do maior número de pessoas.

No entanto, Vera Dodebei (1997), sugere três proposições:

- a) **UNICIDADE:** Nesta proposição, os documentos são os objetos de estudo da memória social e, portanto, não são diferenciados em sua essência. Em outras palavras, podemos dizer que eles não são agrupados em categorias específicas, tais como o livro para as bibliotecas, o objeto tridimensional para os museus e, por último, o manuscrito para os arquivos;
- b) **VIRTUALIDADE:** No qual a atribuição ao objeto, que foi submetido ao observador dentro das dimensões espaço-tempo, é seletiva. Portanto, isso proporcionará, arbitrariamente, uma classificação desse objeto;
- c) **SIGNIFICAÇÃO:** Quando a transformação dos objetos do cotidiano em documento é intencional, constituindo estes em uma categoria temporária e circunstancial.

Portanto, os objetos só ganham uma significação quando o sujeito o observar partindo de um olhar investigativo. Desse modo, ocorrerá a transformação do objeto em documento, já que este é detentor de informações e necessita que investiguem sua história.

À vista disso, “O documento em si não deve ser reduzido apenas a sua forma e seu caráter informacional, e sim ser encarado como uma forma de fomentar e preservar a memória social” (DODDEBEI, 1997, p24).

Nesta pesquisa buscamos evidenciar pontualmente de que forma o sabre se modifica durante sua trajetória, desde sua vida privada até sua chegada no laboratório para passar pelo processo de conservação curativa. É importante ressaltar que não analisamos apenas suas mudanças físicas, mas principalmente suas mudanças simbólicas.

Para o professor Meyriat (1981), o documento pode ser definido a partir de duas percepções, as quais são inseparáveis uma da outra: A primeira é de natureza material, ou seja, o objeto que serve de suporte. Já a segunda é conceitual, isto é, o conteúdo da comunicação, a informação propriamente dita. Para Meyriat, seguindo a mesma lógica de Otlet, todo objeto pode ser transformado em documento. No entanto, é imprescindível distinguir os objetos que devem ser analisados, partindo de um ponto de vista seletivo. Contudo, Meyriat (1981) entende que todos os objetos produzidos com o fito de passar uma mensagem, podem ser vistos como documentos, já que se enquadrariam na categoria de “documentos por intenção” (MEYRIAT, 1981, p. 60). Pois, conforme o autor, para que um objeto seja visto como um documento é preciso que haja intencionalidade, bem como provoque questionamentos. Deste modo, entendemos que, “até que o objeto não receba uma questão, a informação permanece virtual e não um documento” (MEYRIAT, 1981, p. 54)

Seguindo a linha de pensamento de Meyriat (1951), o documento deve ser estabelecido como um objeto que possui a função de transmitir informação e que também é durável. Desta maneira, o entendimento de documento é inerente a uma verdadeira categoria de percepção sobre o objeto. Ademais, é possível compreendê-lo também como uma peça de atividades sistematicamente realizadas que possuem o objetivo de adequar as informações a um determinado público-alvo.

### 1.2.1 Objeto/documento

Visto que o objetivo da pesquisa é entendermos de que forma o objeto se transforma em documento, esta seção abordará como o objeto/documento é concebido. Para isto, nos apoiamos nos estudos da Museologia a este respeito. Enquanto transmissor de informações, ao entra no museu este tem como missão criar estratégias para levar estas informações ao público. Como elemento essencial dos sistemas de preservação do Patrimônio Cultural, é função dos museus construir estratégias que motivem a investigação das informações, nas quais o objeto/documento auxiliam.

De acordo com Guarnieri (2015), a Museologia possui como matéria de estudo a relação entre ser humano/sujeito e objeto/bem cultural, no cenário denominado museu. Da mesma forma, a definição de documento, conforme já mencionado, é “aquilo que ensina”, nasce entre a relação que se mantêm entre o documento/testemunho. Neste aspecto, é importante ressaltar que objetos só se transformam em documentos quando estes são questionados de muitas formas, dado que todos os objetos criados pelos seres humanos possuem informações intrínsecas e extrínsecas que podem ser identificadas. Sendo a primeira possível de ser mensurada a partir do próprio objeto através de uma descrição e análise de suas características físicas (narração do objeto). Já a informação extrínseca, podem ser entendidas como aquela que de natureza documental e contextual alcançada através de outras fontes que não o próprio objeto (narração sobre o objeto). Para isso, trazemos como proposta a biografia social dos objetos, a qual busca esclarecer a sua trajetória. Ademais, nosso objetivo é ver a poesia presente no objeto. Dessa forma, será possível vermos as informações que não estão presentes na parte do material, mas sim no imaterial.

Helena Dodd Ferrez entende que uma organização de documentação de coleções museológicas eficiente é um mecanismo vital para quaisquer atividades do museu. Para tal, é proposto o seguinte esquema:

Quanto aos objetivos:

- Conservar os itens da coleção;
- Maximizar o acesso aos itens;
- Maximizar o uso das informações contidas nos itens.

Quanto à função:

- Estabelecer contatos efetivos entre as fontes de informações (itens) e os usuários (transmissão e apropriação de conhecimento).

Quanto aos seus componentes:

- Entradas: seleção; aquisição;
- Organização e controle: registro; número de identificação/ marcação;
- Armazenagem /localização; classificação/catalogação: indexação.

Todas as informações citadas acima são necessárias e de extrema importância para o objeto. Dado que ao realizar tal organização e catalogação da peça, é como se estivéssemos criando uma certidão que servirá como identificação para as futuras gerações.

Michael Buckland foi importantíssimo para a Ciência da Informação, já que foi quem resgatou a obra esquecida de Otlet e Briet. De acordo com o autor, ao citar Briet, mesmo que a autora não tenha deixado explícito as regras para que um objeto se torne documento, é possível distinguirmos determinadas características como:

- **Materialidade:** Deve haver materialidade, ou seja, somente objetos físicos e sinais físicos podem constituir documentos;
- **Intencionalidade:** Deve haver a intenção de tratar o objeto como evidência de algo;
- **Processamento:** Os objetos devem ser processados, ou seja, devem ser Transformados em documentos;
- **Fenomenologicamente:** Os objetos devem ser percebidos na Qualidade de documentos.

Usando como base os pensamentos de Buckland (1998), é possível refletirmos acerca da peça de estudo como um objeto/documento. Pois, este é um objeto material e teve seu tempo de uso, visto que ele também é uma

evidência de testemunho do passado. Ao selecioná-lo para realizar um estudo, estamos partindo de uma análise interrogativa. Logo, comprovamos o que já foi postulado anteriormente, ao ver o objeto como um suporte de informações ele se torna um documento. Quando se fala sobre pensar os objetos e coleções de objetos como documentos, Armando Malheiro da Silva propõe que

[...] há em tal perspectiva um evidente equívoco: o artefato suscita informação, mas não se confunde com ela e nem é materialmente um mentefato (uma representação mental e subjetiva), mesmo que este esteja sempre na origem e na produção artesanal ou industrial de objetos materiais. (SILVA, 202, p.575)

Os objetos contêm informações, porém elas não são algo que aparecem materialmente, mesmo que só por meio do objeto material possamos ter acesso a elas, as informações só são adquiridas por meio de questionamentos e pesquisas.

Briet (1951) contribui para esta análise ao mencionar que as informações sobre o objeto se constroem a partir do momento em que se coloca sobre ele um novo olhar, e não somente o olhar de quem o produziu, mas também o de quem o usa como documento. No que se refere à museologia, significa englobar o conhecimento do objeto no corpus de documentação e inseri-lo em um esquema comunicativo (exposição e ações educativas). Assim, é preciso que o objeto seja concebido como documento, na mesma medida em que as pessoas devem projetar neste um novo olhar, um novo sentido. Caso contrário, o potencial documental torna-se esvaziado ou mesmo não se completa. Nas palavras de Monteiro

Apesar das distinções entre as abordagens, algo é comum a todas: a ressalva a função documental que o objeto passa a desempenhar quando inserido no contexto museu. Independentemente de serem artefatos em um sentido restrito, ou serem elementos imateriais, ou do meio ambiente físico, os objetos adquirem ressaltar a importância de se compreender preliminarmente o que implica a transformação de um objeto comum em objeto de museu e, por consequência, em um documento. (MONTEIRO, 2014, 43).

Segundo Castro (2009) o objeto é como uma configuração em mutação episódica, a qual está ligada às estruturas sociais e sistemas mentais, o que lhes validam a permanência. Para que essa permanência possa ser fornecida, a autora ressalta que é necessário que o objeto passe a ser reconduzido, pois assim será transformado em relato. Logo, tornar-se-á um documento histórico. Quando o objeto se torna um objeto museológico ele é ressignificado por conta

da sua condição como objeto museal, tornando-se um vetor de comunicação ao ser selecionado para compor uma narrativa maior e, desse modo, é entendido como parte de um acervo. Percebe-se, portanto, um deslocamento fundamental de sentidos: de objeto do cotidiano (uso primário) para acervo de museu (uso secundário). Esse movimento mesmo pode ser interpretado como a própria transformação de objeto em documento.

Para que esse movimento seja possível, segundo Meneses (1994), é fundamental que o museu realize um duplo movimento:

Desenvolver uma política que se baseie na missão da instituição e o recolhimento da coleção e seu processamento de informação, com base no conceito de objetos e documentos museológicos.

Em relação ao primeiro movimento, conforme Meneses (1994) e Bittencourt (2005) apontam, pode-se dizer que um museu que não desempenha um papel ativo na formação de coleções está sujeito a coleções construídas de forma passiva. Os doadores, na verdade, não podem usar itens como documentos, pois seu significado vai além do objetivo principal do museu. Segundo Bittencourt (2005), ao citar Burcaw e Stránsky, entende que a atitude de resposta do museu também pode ser entendida como sinônimo da simples aceitação de objetos pela instituição, sem qualquer reflexão sobre o que adquirir e sem o processamento e produção de informações inerentes aos museus. Portanto, a partir de uma situação em que um item é acumulado por uma instituição, ele se torna apenas um item em um museu e seu papel como documento é enfraquecido.

No que se refere ao segundo movimento, pressupõe-se que o processamento das informações de coleção e a produção de informações documentais é uma etapa específica da musealização, o que afeta diretamente a construção de objetos como documentos. Os itens do museu devem ser usados como documentos para fornecer significado dentro do escopo da visão do museu, missão, objetivos, tipologia, etc. Mas essas ofertas devem ser realizadas com os usuários de forma dialogada e dinâmica, pois eles podem não ser a única possibilidade para o público.

Todas as informações elucidadas até o presente momento são de extrema importância para a pesquisa realizada, visto que o objetivo central do estudo é buscar a compreensão acerca do objeto como um suporte de conhecimento. É



importante reiterarmos que é justamente as informações que transformam o objeto em documento, pois através do olhar interrogativo extraímos o seu testemunho. No capítulo seguinte, demonstraremos a biografia social dos objetos de estudo a partir de elucidações sobre as formas possíveis de contar suas histórias. Ademais, será realizado uma caracterização geral seguida de uma análise detalhada do sabre. A fim de adquirir mais informações acerca do objeto de estudo, foi realizado uma entrevista com a detentora do sabre, Lizete Dias; com o professor responsável pela conservação preventiva, Jaime Mujica; e, por último, com o especialista Alfonso Menegassi.

## **2. A poesia por trás do objeto**

Neste capítulo, apresentaremos os conceitos que acercam a vida dos objetos. Para que isso seja possível, nos apoiamos em discussões de autores que abordam essa temática, com o propósito de pôr em questão de que forma a vida e a trajetória dos objetos são entendidas. Ademais, pontuaremos quais questionamentos podem ser feitos sobre a alma destes objetos por meio de sua forma física. Anteriormente, buscamos elucidar os passos necessários para que haja a transformação do objeto/documento, já nas próximas seções nos aprofundaremos na temática e sua relação com o objeto em questão.

### **2.1 Biografia social dos objetos**

Percebe-se que os objetos estão ganhando força na contemporaneidade no momento em que ocorre questionamentos sobre sua biografia, os quais suscitam possíveis questões metodológicas relacionadas à sua narrativa, cronologia e estrutura. Todas as etapas que foram elencadas estão ligadas à sua interpretação e visibilidade no museu. No meio literário podemos encontrar alguns trabalhos que enfocam nessa temática, sendo eles: , Uma História do Mundo em 100 Objetos (MacGregor 2014), A Lebre dos Olhos de Âmbar (De Waal 2012), Objetos Evocativos: Coisas Com Que Pensamos (Turkle 2007), 'Parafernalia': La Curiosa Historia de Nuestros Objetos Cotidianos (Connor 2011), O Bacalhau - Biografia do Peixe que Mudou o Mundo (Kurlansky 2000), e, por último, Biografias de Objetos Científicos (Daston 2000). Estas bibliografias são um compilado de ideias e pensamentos que abordam as maneiras possíveis do objeto possuir uma vida social, da mesma maneira que demonstram a possibilidade de ser usado como um testemunho sobre algo. Dessa forma, entendemos que todo o objeto possui uma biografia e que ao investigarmos sua trajetória, é possível extrairmos não apenas a história do objeto como também do tempo que ele viveu. No texto de abertura da Revista MIDAS no ano de 2017 diz:

Ao concentrar-se mais atentamente na vida social dos objetos e nos seus efeitos expressivos, retroativos ou interpelantes da atividade humana, este número da MIDAS pretende incluir visões transversais entre os vários “novos materialismos”, forjando, ao mesmo tempo, ligações críticas com tropos mais clássicos e temas da história da Museologia. Para além disso, ao incorporarmos os aspectos intangíveis (históricos, emocionais, espirituais) e relacionais (propriedade,

pertença e identidade) dos objetos em museus. Nessa lógica, os objetos convertem-se numa espécie de portadores de identidade que assume corporeidade através de narrativas, biografias e construções artísticas que se apresentam como uma manifestação do vínculo gerado entre os bens culturais e as pessoas. (SEMEDO, FONTAL, IBANEZ, 2017. p. 4).

Conforme podemos ver, o tema em questão tem ganhado um notável alcance em termos de investigação, tanto dentro quanto fora do campo museal. São muitos os estudos, como podemos analisar na edição de 2017 da Revista *Midas*, que abordam o tema sobre a biografia do objeto, e que o usam como exemplo para retratarem a história de um local ou um acontecimento, porquanto os objetos são testemunhos permanentes do passado. Nesse aspecto, os objetos constroem socialmente história e constituem biografias, as quais os individualizam, trazendo a eles o caráter de documento e de representação da relação entre o indivíduo e o objeto. As fases existentes no desenvolvimento da musealização agregam ao objeto questionamentos, como já postulado anteriormente, ressaltamos que é o olhar interrogativo que transforma o objeto em documento. Pois, “somente quando o sujeito ou o coletivo os determina e avalia de diferentes maneiras e voluntariamente atribui valor aos bens culturais, os objetos específicos tornam-se bens culturais” (CHAGAS, 1994, 54).

Neste estudo nos aproximamos do que defende Igor Kopytoff no texto *A biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo*. O autor propõe que os objetos, assim como as pessoas, possuem trajetórias de vida e, dessa forma, os pesquisadores e pesquisadoras devem investigá-la. Pois, “verificar as biografias das coisas pode realçar muitos aspectos que, de outra forma, seriam esquecidas” (KOPYTOFF, 2008, p.92). De acordo com Igor Kopytoff, ao escrevermos a biografia de um objeto, é necessário que façamos as mesmas perguntas que faríamos aos seres humanos. Sendo elas:

O que são as possibilidades biográficas inerentes, tempo e cultura e como essas possibilidades são realizadas? De onde veio essa coisa e quem a fez? Como é sua carreira até agora, e qual é a carreira que as pessoas acham que é melhor para esse tipo de coisa? Qual é a “idade” ou “estágio de vida” reconhecida de uma coisa e qual é o seu mercado cultural? Como seu uso muda com a idade e o que acontece quando seu uso termina? (KOPYTOFF, 2008, p. 92).

Quando se pensa no estudo sobre a história social dos objetos, Souza e Murguia falam que se pode apurar de que forma a sociedade se relaciona com esse objeto, quais os usos e práticas que esse objeto materializa, o tipo de

agenciamento que este promove, quais suas finalidades dentro de uma sociedade. Diante disso,

As biografias são constituídas por traços definidos, a biografia do objeto o define como símbolo, isto é, dentro de um contexto definido, atendendo a determinadas funções e sob dadas circunstâncias, o objeto simbólico atende a uma proposta dentro da cultura material, representando uma intencionalidade (por exemplo, a mercadoria que deixa ser tal para se tornar objeto de museu. (SOUZA, MURGIA, 2012. p. 170).

Como referido pelo autor, Appadurai (2010) diz que não devemos desconsiderar que os objetos são detentores de uma vida social, bem como as pessoas e que desta forma possuem também uma biografia não só social mas cultural. Appadurai (2010) destaca que os objetos ao passarem por contextos e usos diferentes acumulam uma biografia específica ou até mesmo um conjunto de biografias.

Sandra Makowiecky, no simpósio sobre Museu da Escola Catarinense, relembra que durante sua pesquisa sobre o que as pessoas lembravam dos seus tempos na escola muitos fizeram menção aos objetos. Nesse aspecto, a autora ressalta que os objetos deixam registros de uma “memória imaginária”, pois idealiza vivências que jamais seriam vividas em tempos presentes. Da mesma forma, os objetos nos permitem traçar todos os acontecimentos de um tempo em que não vivemos, de sorte a buscar por meio de investigação o intercruzamento entre a biografia das pessoas e das coisas, em uma trajetória conjugada.

## **2.2 Trajetória e identificação do objeto**

Nesta subseção apresentaremos a identificação das características gerais e a descrição do sabre. A partir dessa experiência de restauração e pesquisa, na qual pude conhecer melhor a história do objeto de estudo, foi possível realizar diversas investigações realizadas por meio de entrevistas. Ademais, realizamos pesquisas bibliográficas em plataformas on-line. Após conhecer o sabre, sentimos necessidade de buscar mais informações acerca do objeto de estudo. Após sanar algumas curiosidades com a possuidora do objeto e através de observações no laboratório, sentimos necessidade de aprofundar essa

investigação. Para tanto, procuramos por intermédio da empresa fabricante do sabre, descobrir novos atributos extrínsecos e intrínsecos a respeito do item de estudo para construirmos efetivamente o trabalho.

### **2.2.1 Características gerais de um sabre**

Tendo como ponto de partida os referenciais estudados, podemos compreender o processo que os objetos possuem rumo a sua nova função como detentor de histórias. Esta trajetória foi construída a partir da pesquisa e dos diálogos e, portanto, garante a transformação do objeto em documento. A conservação física e informacional.

Sabre vem da palavra húngara *magiar* que significa “instrumento cortante”, é uma arma branca da espécie perfurocortantes e possui a função de cortar e perfurar, era amplamente usada pelo exército de cavalaria do século XVII ao início do século XX. A cavalaria preferia utilizá-la porque permitiria que deferissem cortes poderosos sem quebrar a linha de frente, que é uma medida de controle de espaço de combate que designa as forças amigas ou inimigas mais à frente, presentes na zona de combate durante um conflito armado ou guerra.

A lâmina possui uma leve curvatura, é alongada e tem um estreitamento acentuado e ápice fino, os sabres possuem um gume só e dispõem de uma espiga que se estende por toda a parte da lâmina e se fixa a empunhadura. Nas palavras de Galamba,

As empunhaduras das espadas são componente com maior variação tipológica por ser um reflexo das necessidades, do tempo e da região, sendo determinadas pelas exigências da funcionalidade e dos costumes. (GALAMBA, 2008, p.8).

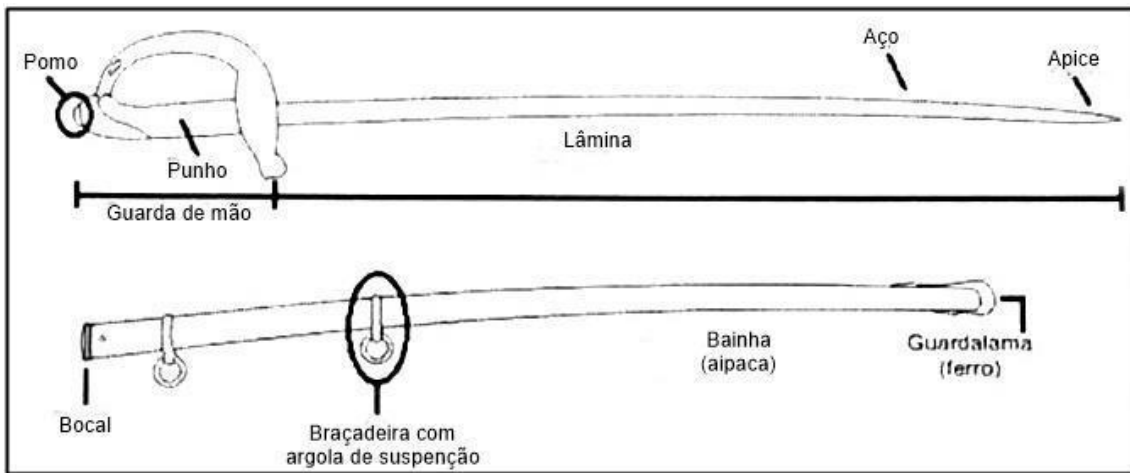


Figura 1 : Desenho esquemático do sabre. Fonte: Priscilla Lampazzi, 2014.

Segundo Galamba (2008, p. 8), o pomo é a peça final da empunhadura, ou seja, todo o conjunto que envolve a guarda - mão, o punho e o pomo. A espiga atravessa o pomo, logo após é batida ainda quente e limada até ficar polida contra a superfície do pomo ou até formar um botão sobre ele.

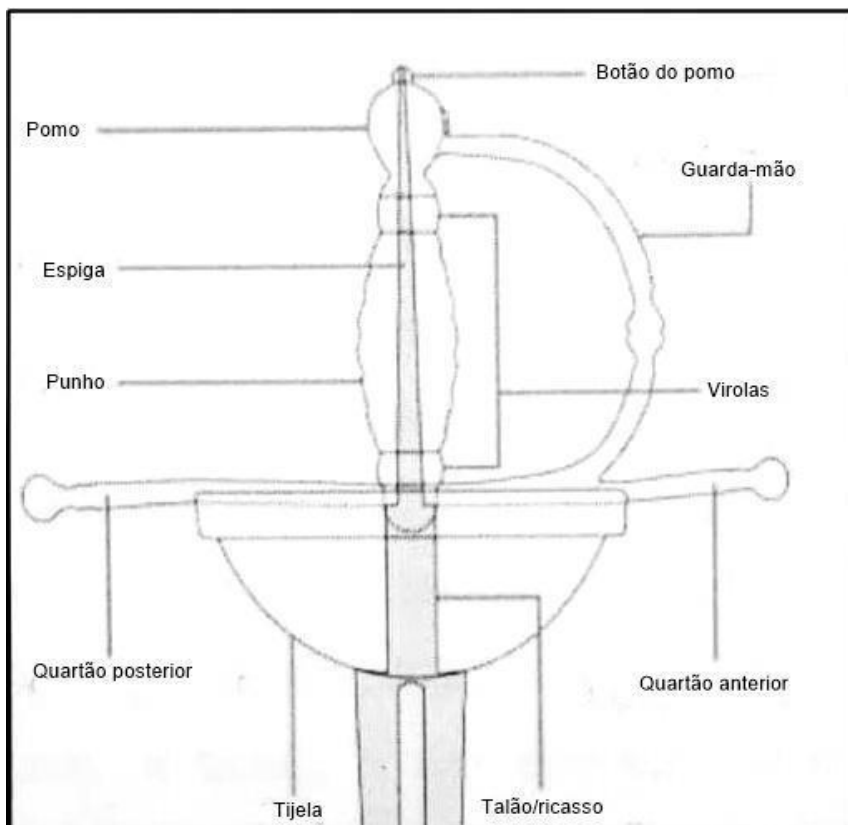


Figura 2 – Detalhe dos componentes de uma empunhadura. Fonte: Galamba, 2008.

Galamba (2008, p. 8) elucida que a guarda-mão, de modelo guarda-de-tigela protege a mão do manuseador, com uma estrutura que facilita o manuseio, foi utilizado nos séculos XVII e XVIII. Já os que possuem guarda-mão simples foram mais utilizados nos séculos XVIII e XIX, eles eram produzidos em alta escala e eram utilizados pelo exército. (GALAMBA, 2008, p.9).

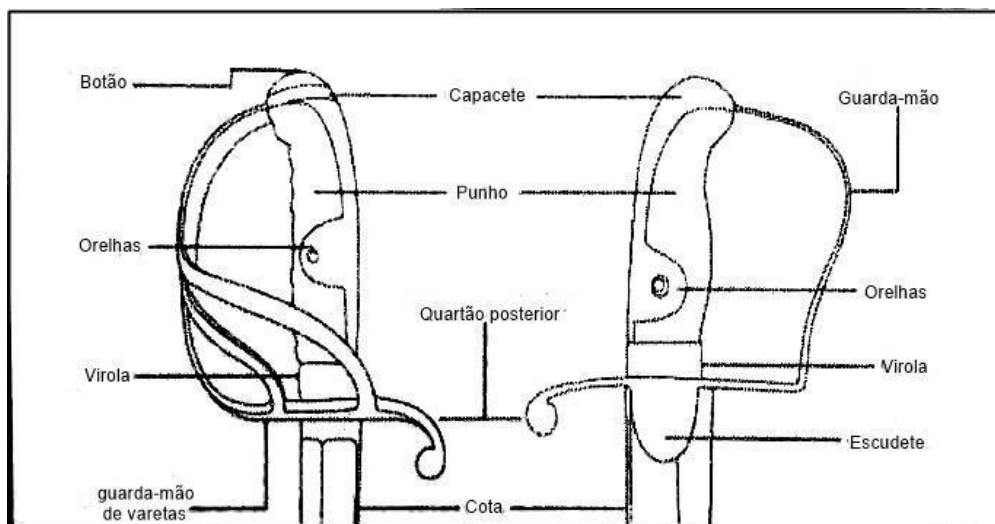


Figura 3 – Detalhes dos guarda-mãos simples empregados nos séculos XVIII e XIX. Fonte: Galamba, 2008.

Os sabres foram altamente usados principalmente nas Guerras Napoleônicas, e ele se manteve como arma principal da cavalaria em grande parte dos exércitos até à Primeira Guerra Mundial. No entanto, após a Segunda Guerra Mundial, o sabre passou a ser usado apenas como arma cerimonial. Na atualidade, o sabre é uma das três armas usadas na esgrima.

### 2.2.2 Descrição do sabre estudado

Na continuação será apresentada a caracterização dos materiais constituintes e das dimensões do sabre. A pesquisa foi realizada através de referenciais bibliográficos e consultas a um especialista em sabres e espadas. Com o objetivo de conhecer suas características extrínsecas concomitantemente com a pesquisa da história deste objeto junto a sua proprietária.

O conjunto em estudo engloba o sabre, um objeto misto devido a apresentar diversas categorias de materiais tanto de natureza orgânica como a inorgânica. E a bainha, que podemos entender como uma espécie de estojo cuja função é guardar e proteger o sabre.

**A. Elementos metálicos do sabre:**

- Lâmina de aço
- Guarda-mão de bronze
- Capacete de bronze
- Fio trançado de cobre

**B. Elementos orgânicos do sabre:**

- Punho de madeira
- Revestimento do punho é de pele de tubarão (escualo)

**C. Elementos metálicos da bainha:**

- Corpo e braçadeiras constituídos por alpaca
- Ponta constituída pelo ferro



Figura 4 - Elementos constitutivos do sabre. Fonte: Samila Jacob, 2019.



De acordo com as técnicas construtivas o sabre é composto por quatro elementos que são:

I. **Lâmina:** De aço parcialmente curva com um gume e uma ponta fina, possui uma espiga que se estende em toda a parte superior, atravessando o punho e fixando com a guarda-mão, suas dimensões são: 72cm de comprimento até a guarda-mão e 86 cm de comprimento com o guarda-mão, 3 cm de largura e 0,5 de espessura. Podemos identificar na lâmina os símbolos, datas e figuras que nos permitiram identificar a empresa em que foi fabricada e também a transportadora.



Figura 5 – Fotografia da lâmina. Fonte: Samila Jacob, 2019.

A logomarca ilustrada em uma das faces da lâmina é um elmo que foi a segunda marca registrada da empresa Weyersberg, Kirschbaum & Cie (WKC), em 1954, o chamado capacete de cavaleiro, a fábrica da empresa está localizada na cidade de Solingen na Alemanha.



Figura 6 – Marca feita no sabre.  
Fonte: Samila Jacob, 2021.



Figura 7 - Marca da empresa. Fonte: Über WKC, acessado em 03/10/2021

Na outra face do sabre está entalhado um círculo com quatro divisões e letras “M” em cada um delas e também a inscrição “Primeira Qualidade”, sobre essa marca durante a pesquisa não foi encontrada nenhuma informação sobre o que ela significaria, entretanto a possibilidade de ser a logomarca da importadora do objeto.



Figura 8 – Destaque do Logo feito pela autora.  
Fonte: Samila Jacob, 2021.



Figura 9 – Foto do logo da importadora,  
Fonte: Samila Jacob, 2019.

Ao longo da lâmina é possível identificar folhas desenhadas em baixo relevo. Ao lado, notamos o brasão da República Federativa do Brasil, na qual

está escrito “ESTADOS UNIDOS DO BRASIL”. Também é possível notarmos uma data, na qual lê-se “15 de novembro de 1889”. Porém, os números não estão muito visíveis.



Figura 10 – Folhas entalhadas na lâmina,  
Fonte: Samila Jacob,2021.



Figura 11 – Brasão da Republica  
Federativa do Brazil, Fonte: Samila  
Jacob, 2021.

**II. Guarda-mão:** A guarda mão é constituída por bronze e o modelo é desenhado. Notamos também que ele possui o Brasão da República Federativa do Brasil com os dizeres “Estados Unidos do Brasil” e a data “15 de novembro de 1889” (figura 12). O pomo presente na extremidade da estrutura do guarda mão (o qual atravessa a espiga) deveria ter um botão na parte superior. No entanto, observa-se que existe um parafuso no lugar, o qual faz parte da estrutura e dá suporte ao punho. Suas dimensões são: 12,5 cm de comprimento e 8,5 cm de largura. Tem como função impedir que a espada do oponente deslize até o punho e corte a mão de quem a utiliza.



Figura 12 –Guarda mão com brasão, Fonte: Samila Jacob,2021.



Figura 13 – Punho do sabre, Fonte: Samila Jacob, 2021.

**III. Punho:** O punho é constituído por madeira e revestido por restos de pele de tubarão, arame trançado de cobre (figura 13, 14 ). Este é utilizado para a sustentação da pele, é possível notarmos que existe uma fissura na madeira na parte superior do punho. As dimensões do punho são: 13 cm de comprimento, 2,7 cm de largura e 3 cm de espessura.



Figura 14 - Punho do sabre com pele de tubarão. Fonte: Samila Jacob, 2021.

**IV. Bainha:** A bainha é constituída por alpaca (figura 15 ) que é uma liga ternária composta de cobre (45 a 75%), níquel (5 a 30%) e zinco (10 a 15%), por ser maleável e ser resistente a corrosão, tornou-se o material de primeira escolha de quem tinha recursos para adquirir uma espada mais cara. A bainha possui o formato curvo e contém duas braçadeiras com argolas de suspensão. Além disso, a peça apresenta um bocal com detalhes de friso e com orifícios em ambos os lados da lateral, a qual é composta por uma ponteira de ferro (figura 16), suas dimensões são: 77 cm de comprimento e 3 cm de largura. Tem como função proteger a lâmina da espada e permitir o seu transporte.



Figura 15 - Bainha da espada com as argolas de suspensão. Fonte: Samila Jacob, 2019.



Figura 16- Ponteira da bainha. Fonte: Samila Jacob, 2019.

### 2.2.3 Fase Privada

A partir de pesquisa genealógica de sua família, Lizete Dias de Oliveira pode descobrir que existiam pelo menos três gerações passadas de homens que nasceram sob o mesmo nome, Manoel Dias Ferreira. É importante ressaltarmos que destes três, ainda não temos informações a respeito de um. Quanto aos outros dois, um é o tetravô da proprietária do objeto e nossa entrevistada; o outro não temos informações exatas, mas há dados que apontam que ele exercia a função de fazendeiro. É sabido que Manoel Dias Ferreira, tetravô de Lizete de Oliveira, nasceu em 1827, em Açores (Praia da Vitória, mais especificadamente

na Ilha terceira dos Açores). Foi casado com Silvana Dias dos Santos, a qual era filha do Capitão José Feliciano Dias dos Santos. Nos foi informado que Silvana Dias pertenceu a uma família ligada às forças militares, o que nos leva a cogitar a possibilidade de algum familiar ter sido o primeiro a ter contato com o sabre estudado. É importante ressaltarmos também que o tetravô da entrevistada foi comandante superior da Guarda Nacional da Comarca Plácido Gonçalves Meirelles. Além disso, o casal tivera seis filhos, sendo eles: Honório, Militão, Galvão, Silvano, João e Manoela Dias Ferreira.

É possível que o artefato em estudo tenha pertencido ao Sr. Galvão Dias Ferreira que foi casado com Rita Marques da Silva. O casal teve três filhos, sendo eles: Miguel, Adão e Érico Dias Ferreira. Em uma conversa com Lizete, nos foi contado que Sr. Galvão Dias era coronel da Guarda Nacional, além disso, é sabido que nasceu em 1849; falecendo aos sessenta e nove anos, em 1917. Logo após sua morte, o objeto foi herdado pela sua esposa e repassado ao seu filho, Francisco Oliveira Dias. Este foi casado com Araci Ramos Dias, com quem gerou dois filhos: Edy Ramos Dias, nascido no dia 16 de novembro de 1927 (em Alegrete – RS). Este filho só foi descoberto após a pesquisa de Lizete sobre mais detalhes do sabre e que, surpreendentemente, descobriu o registro de nascimento de Edy Ramos. É preciso pôr em ênfase que este filho fora o primogênito de Sr. Galvão e da Sra Aracy no entanto a família não possuía conhecimento deste primeiro filho do casal; ademais, foi descoberto que a prole faleceu precocemente. Conseqüentemente, a filha mais nova do casal, Lia Therezinha Ramos Dias de Oliveira, achara ser a única. Porém, após a morte do Sr. Francisco, o sabre repassou para os cuidados de Aracy. Esta, antes de falecer, entregou o objeto à sua filha Lia Therezinha que foi casada com Mário Mariense Nunes de Oliveira. Este casal gerou quatro filhos: Lia Mara, Mariliane, Lizete e Marília. Sra Lia Therezinha ficou de posse do sabre até passar a sua filha Lizete Dias de Oliveira, a qual foi a responsável por encaminhar o objeto ao laboratório com o propósito de restaurá-lo. Além disso, o sabre possui uma importância simbólica e afetiva, pois foi repassado da mãe para filha como uma forma de manter a memória de seu avô, o qual ela não teve a oportunidade de conhecer devido ao seu falecimento.

Ao longo das entrevistas, foi possível descobrir que o artefato ficava

disposto na parede do escritório da Lizete, ocupando o papel de objeto decorativo, Em entrevista, Lizete nos contou que seu filho pediu emprestado o sabre para utilizá-lo em um filme que estava produzindo. Porém, com medo do objeto ser danificado, a proprietária não permitiu o uso. Ao longo dessa pesquisa, Lizete sempre se mostrou muito interessada e entusiasmada em nos fornecer todas as informações. Principalmente, pois muitas histórias ela não conhecia. A entrevistada viajou para Caçapava e Taquari para que fosse possível obter novas informações através de membros da família, além disso, a pesquisa contou com ajuda de amigos. De forma geral, podemos dizer que o objeto em estudo suscitou um desejo em Lizete (e em nós) acerca de sua árvore genealógica e todos aqueles que já tiveram posse do sabre. Embora as informações se baseiem em hipóteses e memórias acerca de sua vida privada, ainda há um longo caminho para ser percorrido pela nossa entrevistada.

#### **2.2.4 Fase laboratorial: Processos de conservação**

O artefato chegou ao laboratório no início de 2019, por meio de Lizete, a detentora do sabre e colega do Prof.Dr. Jaime Mujica, responsável pelo Laboratório. O contato com Prof. Jaime ocorreu porque o laboratório já trabalhou anteriormente com armas brancas, as quais foram encontradas em escavações arqueológicas feitas em campos de batalha. Este último compõe uma das áreas de atuação do Lâmina, conforme foi informado pelo professor em entrevista.

No momento em que o artefato chegou ao laboratório foi desenvolvido todo um processo de documentação acerca do sabre e das informações aportadas pela proprietária, assim como também foi realizada uma pesquisa sobre esse tipo de artefato (sabre). Posteriormente foram, então, avaliadas as patologias, elaborando assim um mapa de danos e o projeto interventivo, ou seja, o conjunto de tratamentos de conservação curativa que seriam realizados objetivando qualificar a leitura do artefato e a estabilização dos processos de deterioração. A partir desta última etapa foram desenvolvidos os referidos tratamentos, que incluíram processos manuais, mecânicos e químicos.

Foi possível notar no sabre que, além das sujidades, ele possuía marcas devido ao seu manuseio. A lâmina do sabre possuía corrosão por toda sua extensão e em ambas as faces sua ponteira também está quebrada, seu guarda

mão também possui alguns sinais de corrosão, seu punho revestido por pele de tubarão apresenta sujidades, bem como ressecamento na pele. Além disso, como já foi relatado anteriormente, o artefato possui algumas fissuras na madeira. A bainha não está diferente das demais partes, não somente apresenta sujidades como também amassados ao longo do seu corpo. Outrossim, a ponteira apresenta sinais de oxidação.

Como informado pelo Prof. Dr. Jaime Mujica em entrevista, aplicada através de um questionário aberto, o laboratório tem como expectativa devolver a estabilidade do artefato através da aplicação de diversos tratamentos de conservação curativa, preservando assim seus componentes materiais, simbólicos e informacionais contidos no sabre. Observe a figura 16 abaixo.



Figura 17 - Empunhadura do sabre. Fonte: Samila Jacob, 2019.





Figura 18– Ponteira da lâmina do sabre.  
Fonte: Samila Jacob, 2019.



Figura 19 – Parte central da lâmina, Fonte:  
Samila Jacob, 2019.

**a) Processos interventivos feitos na Lâmina:**

A metodologia de intervenção realizada na lâmina (FIGURA 14) seguiu as seguintes orientações: a) A limpeza manual feita com esponja de aço, escova e algodão. Logo após, iniciou-se a limpeza mecânica que foi feita com Microretrifrica e uma limpeza química realizada com 20% de Ácido Cítrico que equivale à 200gr e 500ml de água filtrada.



Figura 20 – Limpeza da lâmina com esponja de aço, Fonte: Samila Jacob, 2019.



Figura 21 – Limpeza da lâmina com algodão, Fonte: Samila Jacob, 2019.

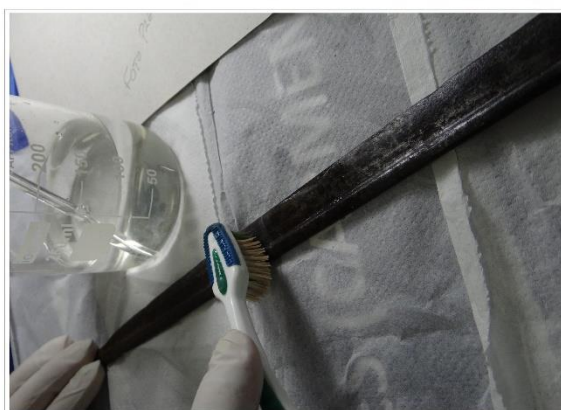


Figura 22 – Limpeza da lâmina com escova,, Fonte: Samila Jacob, 2019.

#### **b) Lâmina pós limpeza:**

Após feita a limpeza (FIGURA 15) com Ácido Cítrico 20% foi possível notar uma mudança significativa no aspecto visual do objeto, permitindo maior visibilidade de entalhes, contornos e a cor do metal.



Figura 23 - Três fotos da lâmina pós-tratamento, Fonte: Samila Jacob, 2021.

A vivência no laboratório garantiu a construção da pesquisa, com a minha proximidade aos processos de conservação curativa pude detalhar a constituição dos aspectos formativos do objeto. E, concomitantemente com a pesquisa bibliográfica e entrevistas desenvolvidas, pude conhecer e construir a passagem do objeto de modo a agregar os significados de documento.

## Considerações Finais

Através de pesquisas bibliográfica, em fontes escritas e entrevistas foi possível saber mais sobre o sabre e seu antigo proprietário, incluindo saber quem o fabricou, sobre a transportadora (loja que comercializou o sabre). Alfonso Menegassi, pesquisador, colecionador e escritor do livro *Espadas do Império Brasileiro* (2018), nos contou em uma entrevista que não é por meio da fábrica e nem de seu modelo que descobrimos a datação de um sabre, mas sim pela sua importadora. Entretanto, até a conclusão do presente trabalho, não foi possível identificar à qual importadora pertence a marca grifada em uma das faces do sabre. Sendo assim, não podemos afirmar com justeza a datação do artefato. Tendo em vista que o Laboratório se manteve fechado durante 565 dias em razão da pandemia da nova Covid-19, o objeto ainda está em processo de conservação preventiva. Por isso, até o momento de conclusão deste trabalho, só foi possível realizar a limpeza em apenas uma parte da lâmina do sabre. Consequentemente falta trabalharmos no restante da lâmina e na empunhadura.

Foi possível observar que mesmo passando esses 565 dias no laboratório fechado, a limpeza que havia sido feita em 2019, permaneceu, não havendo nenhuma alteração física na lâmina até o presente momento. Com o intuito de manter a integridade física do objeto, optamos por intervenções de caráter conservativo de forma a trabalhar com materiais adequados.

A principal expectativa desta conservação preventiva é a devolução da peça para a sua proprietária atual, de forma que o artefato esteja em melhores condições de legibilidade e estabilidade. Desejamos também repassar as recomendações adequadas sobre a conservação preventiva do objeto, como por exemplo, as formas adequadas de manipulação e acondicionamento. Ademais, é de extrema importância elucidar sobre as condições microclimáticas mais adequadas para a conservação. Finalmente, poderemos contribuir para a preservação do artefato e de sua biografia de vida.

Vale ressaltar que as pesquisas históricas mais aprofundadas acerca do artefato e seus possuidores ainda continuarão após a conclusão deste trabalho. Sendo assim, atingimos o objetivo proposto inicialmente: Pudemos desvendar as características extrínsecas e intrínsecas do objeto com o intuito de entender o que configura o objeto/documento. Ademais, também pudemos compreender

como se dá esse percurso na busca da poesia por trás do objeto. Os questionamentos que me trouxeram até esta pesquisa, além de outros tantos que surgiram como objetivos do trabalho, me possibilitaram construir uma relação entre a teoria e a prática sobre a musealização dos objetos.

|

## Referências Bibliográficas

APPADURAI, Arjun. Introdução: Mercadorias e a política de valor. *In:* \_\_\_\_\_ (Org.). **A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural.** Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2010.

BURKE, Peter. **A Escola dos annales (1929-1989): a Revolução Francesa da historiografia.** 2. ed. São Paulo: Ed. UNESP, 1992.

CÂNDIDO, Maria Inez. Documentação museológica. **Caderno de Diretrizes Museológicas.** Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura, 2006, p. 33-92.

CASTRO, Ana Lúcia. **O Museu do Sagrado ao Segredo.** Tradução: Ana Lúcia Siaines de Castro. 1 ed. Rio de Janeiro: Revan. 2009.

CHAGAS, Mario. Casas e portas da Memória e do Patrimônio. **Ciências sociais UNISINOS**, n.2 vol.13, 2007. p. 207-224.

CHAGAS, Mario. Em busca do documento perdido: a problemática da construção teórica na área da documentação. **Cadernos de Sociomuseologia.** n.2, v.2, p. 29-47. 1994.

CHAGAS, Mário. O Objeto de Pesquisa no caso dos Museus. *In:* \_\_\_\_\_ Org. **Ciência em Museus.** v. 2. Belém, CNPQ. p. 41-45, 1990.

CURY, Marília Xavier. **Exposição: concepção, montagem e avaliação.** São Paulo: Annablume, 2005.

DESVALLÉES, André.; MAIRESSE, François. **Conceitos-chave de Museologia.** Tradução: Bruno Brulon Soares, Marília Xavier Cury. ICOM: São Paulo, 2013.

DO CANTO, Fernanda. Objeto Museológico: Mito, demasiado Mito. **Anais do XI Ciclo de Investigações PPGAV/UDESC,** Florianópolis/SC, 29-31 Agosto 2016.

DODEBEI, Vera Lúcia. Construindo o Conceito de Documento. *In:* LEMOS, Teresa; MORAES, Nilson; (Orgs.). **Memória e construções de identidades.** Rio de Janeiro: 7 letras, 2000.

FILHO, Lara Durval. Museu, objeto e informação. **Transinformação.** Campinas, n. 21, v. 2, p. 163-169, maio./ago., 2009. DOI: 10.1590/S0103-37862009000200006. Acesso em: 11 maio 2021.

GALAMBA, Ulrico Falcão. A coleção de Armas do Museu de Évora. **Cenáculo.** n 3. 2008. **Boletim online do Museu de Évora.**

GUARNIERI, Waldisa Russio Camargo. Conceito de cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação. **Cadernos Museológicos**, v. 3, p. 8. 1990.

HERNÁNDEZ HERNÁNDEZ, Francisca. Museología como ciencia de la documentación. In: LÓPEZ YEPES, José (Coord.). **Manual de ciências de la documentación**. 2 ed. Madrid: Pirámide, 2006. p. 159-178.

JULIÃO, Letícia. Pesquisa Histórica no museu. **Caderno de Diretrizes Museológicas**. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura, 2006, p. 94-105.

KOPYTOFF, Igor. A biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo. In: APPADURAI, Arjun. **A vida social das coisas**. Niterói: EDUFF, 2008.

LE GOFF, Jacques. História e Memória. In: \_\_\_\_\_. **Documento/monumento**. 3 ed. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 1994. p. 535-553.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público. **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, n. 21, v. 11, p. 89-103. 1998.

MENSCH, Peter Van. El Objeto como Portador de Datos. In: \_\_\_\_\_. **Cadernos de Museologia**. Lima, Museu de Arte Popular. p. 53-62, 1989.

MELO, Tailze. Objetos Recolhidos: Uma poética da memória em interiores, de Patrick Bogner. **Revista Mediação**. Belo Horizonte. n.8, vol.9, p. 45-49. 2009.

MENEGASSI, Alfonso. Espadas do Império Brasileiro. 2018.

MEYRA, Jean. Document, documentation, documentologie. Schéma et schematisation. **Schéma et Schématisation**, n. 14, p. 51-63. 1981.

MOLES, Abraham. **Teoria dos objetos**. Tradução: Luiza Lobo. [S.E] Rio de Janeiro - RJ. Edições Tempo Brasileiro LTDA. 1981.

MYNAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social, teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1995.

NASCIMENTO, R. O Objeto museal como objeto de conhecimento. **Cadernos de Sociomuseologia**, v.11, n.11, p. 37-61. 1998.

NIEMEYER, Maria Lucia de.; LOUREIRO, Matheus.; LOUREIRO, José Mauro Matheus. Documentação e musealização: entretecendo conceitos. **Midas [online]**, v. 1. p. 1-13. 2013. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/midas/78>> . Acesso em: 19/04/2021.

OLIVEIRA, Amanda de Almeida. **A Documentação Museológica como suporte para a Comunicação com o público**: a cadeirinha de arruar do Museu de Arte da Bahia. 2020. Dissertação (Pós-graduação em Museologia) -

Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2018.

OLIVEIRA, Maria Amália Silva Alves. "Biografia cultural das coisas": aporte metodológico para o estudo do Turismo. **Resgate: Revista Interdisciplinar de Cultura**. Campinas, SP. n. 2, v. 23, p. 29-45. 2015.

ORTEGA, Cristina Dotta. **Mediação da informação: do objeto ao documento**. In:\_\_\_ Desafíos y oportunidades de las Ciencias de la Información y la Documentación en la era digital: actas del VII Encuentro Ibérico EDICIC 2015 (Madrid, 16 y 17 de noviembre de 2015). Universidad Complutense de Madrid, Madrid.

OTLET, Paul. **Documentos e documentação**. Disponível em: <<http://www.conexaorio.com/bit/otlet/>>. Acesso em: 30/04/2021.

OTLET, Paul. **Traité de documentation: le livre sur le livre**. Bruxelas: Editions Mundaneum, 1934. Disponível em: < file:///C:/Users/pc/Downloads/emsh.pdf>. Acesso em: 05/05/2021.

SCHEINER, Tereza Cristina. O museu, a palavra, o retrato e o mito. Museologia e Patrimônio. **Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS**. Unirio. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, 2008. Semestral.

SEMEDO, Alice.; FONTAL, Olaia.; IBANEZ, Alex. Objetos e museus: biografias, narrativas e vínculos identitários. **Midas [Online]**. v. 8. p. 1-7. 2017. Disponível em: < <http://journals.openedition.org/midas/1169> >. Acesso em: 15/09/2021.

SILVA, Armando.B.M da. "Arquivística, Biblioteconomia e Museologia: do empirismo patrimonialista ao paradigma emergente da Ciência da Informação". In: INTEGRAR – 1º CONGRESSO INTERNACIONAL DE ARQUIVOS, BIBLIOTECAS, CENTROS DE DOCUMENTAÇÃO E MUSEUS, 2002, São Paulo.

SMIT, Johanna Wilhemina. **A documentação e suas diversas abordagens**. Mast Colloquia. Vol 10. Documentação em Museus, 2008, p. 11-23. Disponível em: <[http://livroaberto.ibict.br/bitstream/1/933/1/mast\\_colloquia\\_10.pdf](http://livroaberto.ibict.br/bitstream/1/933/1/mast_colloquia_10.pdf)>. Acesso em: 12/04/2021.

PEREIRA, Otaviano. **O Que é Teoria**. São Paulo, Brasiliense, 1986.